



HÁ ESPAÇO PARA FALAR EM HIV/AIDS NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE BRASILEIRA?

Is There Space to Talk About HIV/Aids in Initial Teaching Education in Brazil?

Tiago Amaral Sales¹

Willian Dullius²

Resumo: Este artigo consiste em uma análise bibliográfica na qual utilizamos a revisão integrativa de literatura como método de pesquisa para pensar como a temática de HIV/aids atravessa a formação docente brasileira. Os descritores “capacitação de professores”, “aids”, “HIV”, “professores escolares”, “ensino”, “formação docente” e “formação inicial” foram pesquisados nas seguintes bases de dados: BVSsalud, Edubase, Educ@, Google Acadêmico e Scielo. Os critérios de inclusão utilizados foram artigos, ensaios e relatos acadêmicos, publicados entre julho/2011 e julho/2021 disponíveis na íntegra, classificados como *open access*, em português. A busca resultou em 9169 publicações e, após cuidadosa apreciação, selecionamos vinte e seis textos para a leitura e sete para comporem a análise qualitativa. A partir deles, percebemos que a temática de HIV/aids é trabalhada principalmente na formação de profissionais da saúde, sendo invisibilizada e pouco presente nas licenciaturas brasileiras e na formação inicial de professores do ensino básico.

Palavras-chave: HIV/aids. Educação Superior. Formação de Professores. Ensino. Sexualidade.

Abstract: This article consists of a bibliographical analysis in which we use the integrative literature review as a research method to think about how the theme of HIV/AIDS crosses Brazilian teacher education. The descriptors “teacher training”, “aids”, “HIV”, “school teachers”, “teaching”, “teacher training” and “initial training” were searched in the following databases: BVSsalud, Edubase, Educ@, Google Academic and Scielo. The inclusion criteria used were articles, essays and academic reports, published between July/2011 and July/2021 available in full, classified as open access, in Portuguese. The search resulted in 9169 publications and, after careful consideration, we selected twenty six texts for reading and seven for the qualitative analysis. From them, we realize that the theme of HIV/AIDS is worked mainly in the training of health professionals, being made invisible and little present in Brazilian degrees and in the initial training of basic education teachers.

Keywords: HIV/AIDS. University Education. Teacher Training. Teaching. Sexuality.

1 Introdução

A partir do ano de 2020 o mundo tem atravessado a pandemia de covid-19, desencadeando a morte de milhões de pessoas e impactando diretamente a vida de tantas outras

¹ Doutor em Educação – UFU. Professor na Escola Municipal Professora Stella Saraiva Peano e na Escola Estadual da Cidade Industrial (Uberlândia, MG). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3555-8026>. E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com

² Doutorando no PPGEH – UPF. Professor do Curso de Enfermagem na ATITUS Educação. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3144-378X> E-mail: rogerdullius@gmail.com

com reflexos no contexto econômico, social e sanitário; questões, as quais, foram e continuam sendo totalmente afetadas por tal emergência. As múltiplas possibilidades de exercício profissional tiveram que se adaptar para as novas conformações mundiais e, dentre elas, também a educação escolar. Aulas presenciais foram rapidamente modificadas para se adaptarem ao ensino remoto, por exemplo. Trabalho e educação foram afetados por uma questão de saúde coletiva.

Ao pensarmos nessas questões referentes à emergência pandêmica da covid-19, nos recordamos de uma outra pandemia que ingressa na quinta década de existência: a do vírus da imunodeficiência humana (HIV) e da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS)³. Com os primeiros casos de aids diagnosticados no começo da década de 1980, esta deixou grandes marcas mundo afora, ceifando múltiplas vidas e impactando intensamente na cultura vigente (RACHID, 2020; JARDIM, 2019; ALÓS, 2019). Segundo o Programa das Nações Unidas de Combate à Aids – UNAIDS (2021), até o final de 2020, cerca de 34,7 milhões de pessoas morreram em decorrência da aids no mundo e, atualmente, aproximadamente 37,6 milhões de pessoas vivem com HIV.

Muito se avançou no que diz respeito ao diagnóstico, prevenção e tratamento do HIV e da aids desde o começo de tal emergência pandêmica. Atualmente, em poucos minutos é possível diagnosticar alguém através de testes extremamente precisos e existem tratamentos com alta eficácia para o controle da infecção viral, preservando a saúde da pessoa infectada pelo HIV, possibilitando que se atinja a indetectabilidade, logo também a intransmissibilidade por vias sexuais (RODGER *et al*, 2019; COHEN *et al*, 2016; RODGER *et al*, 2016), impedindo que mais mortes ocorram. Mesmo assim, no ano de 2020 cerca de 690 mil pessoas morreram em decorrência de complicações relacionadas à aids no mundo (UNAIDS, 2021), mostrando os grandes abismos que existem em relação ao acesso de diagnósticos precoces, prevenção e tratamento.

Neste texto, abordamos o termo saúde conforme a descrição de Leonardo Oliveira e Guilherme Corrêa (2020), na qual esta é compreendida como uma maneira de enfrentar os processos tornados pela sociedade como doentios em uma oportunidade de aprendizagem e tomados como movimento de vida, contrariando a visão de imobilização, no qual são pautados por pensamentos de aprisionamento no processo de pensamento, reflexão, sentimento e desejo do indivíduo. Também inspiramo-nos na noção de “saúde e doença como acontecimento”, proposta por Emília Biato (2021, p. 137) a partir de leituras nietzschianas e do conceito derridiano de acontecimento.

No Brasil, segundo o Boletim Epidemiológico de HIV/aids publicado em dezembro de 2020, no ano de 2019 foram diagnosticados mais de 41 mil novos casos de HIV e 37 mil de aids, levando a mais de 10 mil óbitos em decorrência da aids (BRASIL, 2020a). Segundo uma matéria publicada no site do Ministério da Saúde do Brasil (BRASIL, 2020b, s.p.), também em dezembro de 2020, “atualmente, cerca de 920 mil pessoas vivem com HIV no Brasil. Dessas, 89% foram diagnosticadas, 77% fazem tratamento com antirretroviral e 94% das pessoas em tratamento não transmitem o HIV por via sexual por terem atingido carga viral indetectável”.

Percebemos que a pandemia de HIV/aids continua em curso pelo mundo, impactando diferentes populações de diversas formas, ganhando configurações outras a partir da covid-19. No Brasil, os dados epidemiológicos nos mostram as grandes marcas causadas pelo vírus no país: centenas de milhares de pessoas mortas pela aids e, atualmente, um número que se

³ A aids consiste no adoecimento causado pela infecção pelo HIV, caso esta não seja controlada com medicamentos antirretrovirais, sendo potencialmente mortal.

aproxima de um milhão de pessoas vivendo com HIV. Tais dados evidenciam a necropolítica que existe em torno do HIV e da aids no Brasil, como nos mostram Felipe Cazeiro, Geórgia da Silva e Emilly de Souza (2021) ao refletirem no contexto brasileiro permeado pelo estigma e pela intensificação de vulnerabilidades, movimentando tantas mortes, e demandando políticas de vida em defesa dos direitos humanos e da saúde.

Sobre o enfrentamento da aids no Brasil, Fernando Seffner e Richard Parker (2016) afirmam que:

As políticas públicas brasileiras lidam com a epidemia de aids nos dias de hoje na permanente tensão entre o fazer viver (ampliação da oferta de exames para conhecimento da situação sorológica e oferta universal da medicação antirretroviral) e o deixar morrer (reforço das situações de estigma e discriminação às populações vulneráveis) (SEFFNER; PARKER, 2016, p. 1).

Ao refletirmos acerca dos dados epidemiológicos juntamente da dimensão das políticas brasileiras em torno do HIV e da aids, e como estas movimentam mortes e intensificam o estigma (CAZEIRO; SILVA; SOUZA, 2021), na tensão entre ofertar exames e medicamentos mas reforçar o estigma e a discriminação (SEFFNER; PARKER, 2016), nós, educadores e pesquisadores, pensamos na importância da formação de profissionais, em nível superior, capacitados para trabalhar questões relacionadas ao HIV e à aids ligadas à prevenção, ao tratamento e à desconstrução do estigma e, em especial, na educação escolar, tanto através de conteúdos transversais quanto dentro dos componentes curriculares. Para que isto ocorra, percebemos ser necessário que estes profissionais recebam formações capacitadas para trabalhar especificamente com esta temática.

Documentos públicos guiam os currículos escolares e também a formação de professores. Dentre estes documentos, destacamos brevemente dois que nos auxiliam a pensar na educação básica e na formação dos docentes habilitados para lecionar neste nível escolar: a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação) (BRASIL, 2019) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017).

A Resolução n° 2 do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno, vinculado ao Ministério da Educação, “Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação)” (BRASIL, 2019, p. 1) e, dentre suas inúmeras definições, afirma, no Artigo 2° que:

A formação docente pressupõe o desenvolvimento, pelo licenciando, das competências gerais previstas na BNCC-Educação Básica, bem como das aprendizagens essenciais a serem garantidas aos estudantes, quanto aos aspectos intelectual, físico, cultural, social e emocional de sua formação, tendo como perspectiva o desenvolvimento pleno das pessoas, visando à Educação Integral (BRASIL, 2019, p. 2).

A partir destas diretrizes, nos colocamos atentos às competências presentes na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) para a Educação Básica: De quais formas os temas relacionados à pandemia de HIV/aids estão presentes na BNCC? Ao percorrermos suas páginas, percebemos que a palavra “AIDS” aparece como competência a ser trabalhada no campo das



ciências da natureza, no oitavo ano: “(EF08CI10) Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção” (BRASIL, 2017, p. 347). O HIV e a aids enquadram-se dentro das infecções sexualmente transmissíveis (IST), termo atualmente utilizado para se referir ao que, no passado, chamava-se de doenças sexualmente transmissíveis (DST). Dessa forma, na competência EF08CI10, assim como na competência anterior, EF08CI09, o termo DST aparece descrito como foco de trabalho. Mas, questionamos: um tema que impactou e continua afetando tantas vidas seria passível de ser abordado exclusivamente nestas duas competências do oitavo ano, na disciplina de ciências da natureza? Existiriam outras possibilidades de brechas para pensar, falar, compreender e mobilizar acerca do HIV e da aids dentro dos currículos escolares?

Por se enquadrar dentro das IST, o HIV e a aids se relacionam às questões de sexualidade, como também de corpo e gênero. Pensar, falar e mobilizar em HIV/aids é percorrer estes três pilares – corpo, gênero e sexualidade –, conectando-os diretamente com questões relacionadas à saúde e, indissociavelmente, à educação em saúde, dialogando também com a educação e o ensino de ciências da natureza.

Reconhecemos as conexões entre educação em HIV/aids com discussões relacionadas à desigualdade econômica e social, processos relacionados ao preconceito e estigma, dentre outros. Assim, com estes olhares atentos, percebemos diversas outras competências possíveis da educação em HIV/aids adentrar, como, por exemplo, nas questões relacionadas à educação infantil que trabalham o “corpo, gestos e movimentos” (BRASIL, 2017, p. 25), nas ciências, no primeiro ano, ao trabalhar os objetos de conhecimento “Corpo humano” e “Respeito à diversidade” (BRASIL, 2017, p. 29), e, porque não, no ensino de história no quinto ano, na unidade temática “povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social”, no objeto de conhecimento “cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas” (BRASIL, 2017, p. 412), ao pensar nas diversidades culturais e em como a aids afetou intensamente diferentes grupos, como a comunidade LGBTQ+, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990, e, atualmente, as populações dos países da África Subsaariana.

Ao observar a BNCC, nos atentamos que nela existem brechas e possibilidades que viabilizem a chance de trabalhar questões relacionadas ao HIV/aids, de forma transdisciplinar, em diferentes etapas da educação básica. Percebemos as temáticas relacionadas ao HIV e à aids como transversais, podendo ser abordadas/mobilizadas dentro de diferentes campos e perspectivas, atravessando múltiplos currículos, seja na educação infantil, no ensino fundamental e no médio, necessitando, como ressaltam as diretrizes da BNC-Formação, de serem contempladas na formação de professores, tanto inicial quanto continuada. Assim sendo, reconhecemos a importância de que esta discussão esteja presente em diferentes currículos do ensino superior de formação de professores da educação básica, e questionamos: Há espaço para pensar, falar, compreender e mobilizar as questões relacionadas ao HIV e à aids na formação inicial docente brasileira? Para tentar responder a essa pergunta, refletimos, a partir de uma revisão bibliográfica, no que tem sido produzido nas pesquisas acadêmicas em relação à formação de professores, em diálogo com as temáticas que envolvem o HIV e a aids.

Diante da descrição apresentada, o respectivo estudo questiona-se: O que a literatura nacional informa sobre o ensino de HIV/aids na formação de professores brasileiros de ensino básico durante a graduação? Para responder a esta questão, este estudo tem como objetivo reunir e resumir evidências científicas da literatura brasileira sobre a abordagem do HIV/aids no processo de formação de professores brasileiros do ensino básico, refletindo acerca de tais resultados encontrados.



2 Método

Para realizar este estudo, utilizamos a revisão integrativa de literatura como trajeto metodológico de pesquisa. A revisão integrativa da literatura é um método específico, que tem como finalidade sintetizar os resultados obtidos de estudos empíricos e/ou teóricos, para prover uma compreensão abrangente de um assunto específico (BROOME, 1993; SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010; SOUSA; MARQUES-VIEIRA; SEVERINO; ANTUNES, 2017). A revisão é denominada integrativa pois fornece informações mais amplas sobre um assunto, constituindo, assim, um corpo de conhecimento. Deste modo, o pesquisador pode elaborar uma revisão integrativa com diferentes finalidades, podendo ser direcionada para a definição de conceitos, revisão de teorias ou análise metodológica dos estudos incluídos de um tópico particular (ERCOLE; MELO; ALCOFORADO, 2014; SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Efetuamos uma pesquisa bibliométrica para analisar a produção científica sobre a temática proposta por estudo, compreendendo artigos, ensaios e relatos acadêmicos sobre a abordagem do HIV/aids no processo de formação de professores brasileiros do ensino básico, publicados no período de julho de 2011 a julho de 2021, disponíveis na íntegra, classificados como *open access*, no idioma português. Utilizamos o recorte temporal dos últimos dez anos com o objetivo de visualizar as publicações recentes desta década (2011-2021), percebendo que tanto o campo acadêmico da educação quanto o da saúde possuem alta produtividade, se modificando no tempo e espaço. A coleta de dados ocorreu entre os meses de julho e agosto do ano de 2021. Excluíram-se publicações duplicadas, artigos que não abordassem o objetivo de pesquisa e estudos que não fossem voltados para a formação de professores e/ou para o ensino superior no Brasil.

Os descritores empregados foram consultados no DeCS – serviço de vocabulário estruturado (MeSH) e por meio da estratégia do PICO (População – professores brasileiros; Interesse – embasamento teórico na formação do professor na temática HIV/aids; Contexto/*Outcomes* – quais os assuntos abordados). Foram utilizados os descritores: HIV, Aids, Ensino, Professores escolares, Capacitação de professores, Formação de professores, Formação inicial e Formação docente. Os operadores booleanos empregados foram AND e OR; a respectiva estratégia de busca utilizou os termos apenas em português e está representada na Tabela 1. As bases de dados utilizadas foram: BVSsalud, Edubase, Educ@, Google Acadêmico e Scielo. A escolha dessas bases deu-se a partir da relevância das suas publicações nos campos estudados.

O processo de seleção dos estudos ocorreu simultaneamente e independente pelos pesquisadores nas seguintes etapas: Etapa 1 – Identificação dos estudos nas bases de dados por meio dos descritores no DeCs; Etapa 2 – Procura dos artigos: título das publicações e resumos foram analisados primeiramente para determinar se o estudo aborda o tema de interesse; Etapa 3 – Elegibilidade: os estudos foram avaliados pela leitura na íntegra para determinar sua adequação ao tema e se contemplava os critérios de elegibilidade, culminando na inclusão dos estudos. Avaliações com resultados similares foram mantidos, mas, caso houvesse avaliações com resultados divergentes, uma terceira pessoa seria consultada para a avaliação dos estudos.



Tabela 1 – Estratégia de busca de dados nas bases de dados e o resultado obtido.

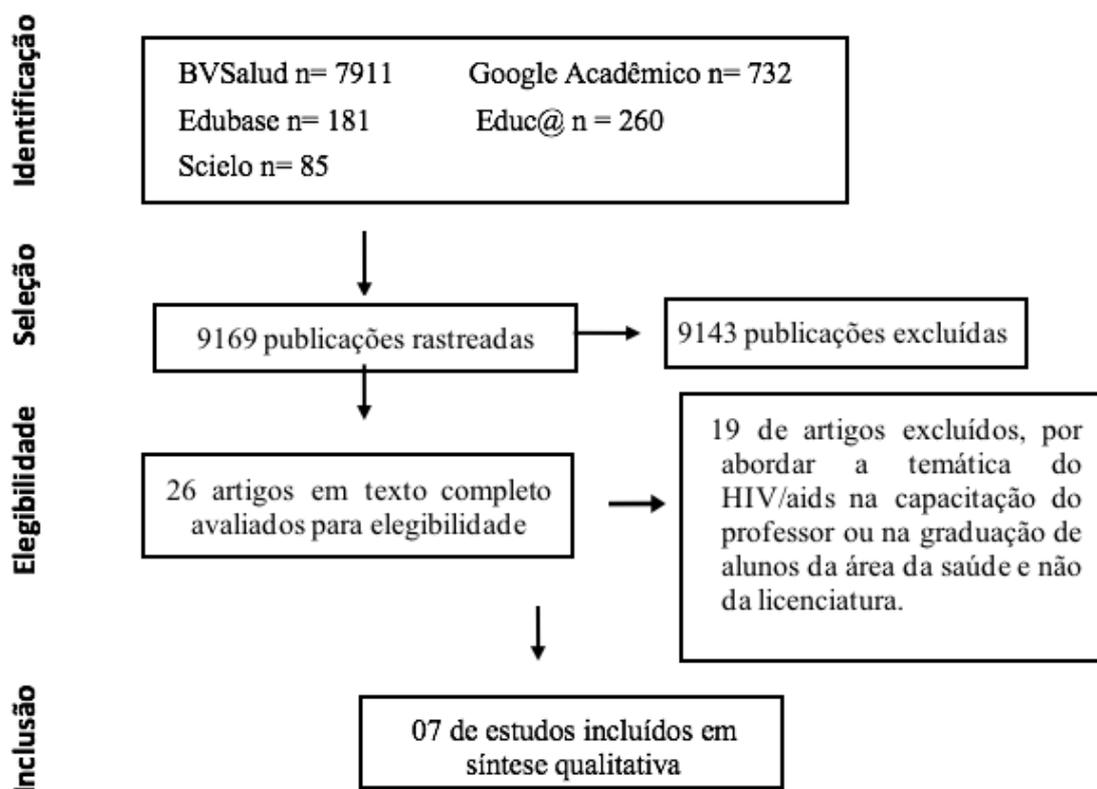
Base de dados	Busca empregada	Resultado da busca	Selecionado para a leitura na íntegra
Scielo	(capacitação de professores) AND (aids)	2	0
	(capacitação de professores) AND (HIV)	1	0
	(professores escolares) AND (HIV) OR (aids)	1	0
	(HIV) AND (formação docente)	1	0
	(HIV) OR (aids) AND (ensino)	80	6
	Edubase	(ensino) AND (HIV)	4
(HIV)		73	1
(Aids)		98	1
(Aids) AND (ensino)		6	0
Educ@	(Aids) OR (HIV) AND (professores escolares)	29	0
	(Ensino) AND (aids) OR (HIV)	33	0
	(Aids) OR (HIV) AND (capacitação de professores)	29	0
	(Aids) OR (HIV) AND (formação de professores)	29	0
	(Aids) OR (HIV) AND (formação inicial)	20	0
	(Aids) OR (HIV) AND (formação docente)	29	0
	(HIV)	29	0
	(Aids)	62	0
BVSsalud	(HIV) OR (aids) AND (professores escolares)	9	0
	(HIV) OR (aids) AND (formação de professores)	11	2
	(HIV) OR (aids) AND (formação inicial)	4	0
	(HIV)	3654	2
	(Aids)	4233	0
Google Acadêmico	(Aids) OR (HIV) AND (professores escolares)	45	1
	(Aids) OR (HIV) AND (capacitação de professores)	658	12
	(Aids) OR (HIV) AND (formação de docentes)	29	1

Fonte: Os autores (2022).

3 Resultados e Discussão

Como presente na Figura 1, a busca identificou 9169 publicações, em BVSsalud (n=7911), Edubase (n=181), Educ@ (n=260), Google Acadêmico (n=732) e Scielo (n=85). Foram aplicados os critérios de inclusão, a partir da leitura dos títulos e resumos dos trabalhos, uma vez que 9143 publicações não atenderam aos critérios de inclusão e, portanto, foram excluídas. Vinte e seis textos foram selecionados para a leitura na íntegra.

Figura 1 – Fluxograma da estratégia de busca de artigos utilizada nesta revisão integrativa.



Fonte: Os autores (2022).

Nesse sentido, sete textos foram eleitos para compor a análise qualitativa, que teve como objetivo identificar as publicações existentes sobre a abordagem do HIV e da aids no processo de formação dos futuros professores brasileiros.

A leitura e a análise dos artigos possibilitaram a verificação e a sistematização dos dados em vários elementos de investigação, separados em aspectos formais e de conteúdo. A Tabela 2 apresenta os estudos selecionados sobre a abordagem da temática do HIV/aids na formação dos professores brasileiros.

Os textos selecionados para a análise qualitativa de elegibilidade, em sua maioria, abordam sobre a temática na formação dos alunos de graduação nos cursos da saúde, por exemplo enfermagem e medicina, e não nos cursos de licenciatura. Ainda, os textos que abordavam a temática estavam relacionados aos cursos de capacitação/educação continuada para professores atuantes na rede de ensino, não havendo a descrição do trabalho dessa temática durante a graduação.

Também é de grande valia mencionar sobre as barreiras, uma vez que a linguagem e abordagem permeada por preconceitos e o receio de falar em HIV/aids, assim como no contexto geral das questões que envolvem corpo, gênero e sexualidade – principalmente quando estas



forem desviantes às normas e padrões majoritários⁴ –, ainda permeiam as diversas áreas do ensino e da educação, produzindo silenciamentos nestes temas tidos como tabu, na medida em que seguem na manutenção e atualização de discursos estigmatizantes e biomedicalizantes da vida, invisibilizando, enviesando e/ou limitando suas discussões nos espaços acadêmicos e formativos. Isso gera dificuldades no processo de ensino e na educação dos alunos, corroborando para uma educação em saúde⁵ fragilizada, assim como demarcando uma formação de professores brasileiros do ensino básico que dificilmente contemple temas tão importantes no que condiz com questões de saúde, sexualidade, vida e estigma.

Tabela 2 – Descrição dos estudos contendo autores e ano, objetivo, tipo de estudo, população e suas características e resultados.

Autor(es) e ano	Objetivo	Tipo de estudo	População	Resultados
Nascimento (2020)	Relatar a experiência de acompanhamento de três escolas da região periférica do município de Londrina-PR.	Relato de Experiência.	Professores e alunos do ensino fundamental e médio.	O relato evidencia a relação entre a crise do ensino e o descompasso na formação (graduação) de professores comparado com as exigências contemporâneas.
Altmann (2013)	Abordar a temática da diversidade sexual a partir das suas relações com a educação e suas implicações na formação docente no Brasil.	Texto Qualitativo.	Não se aplica.	<p>Quanto aos cursos de formação em nível superior, a temática da sexualidade e sua abordagem diversa neste contexto (HIV, IST, diversidade sexual, dentre outros) deve ser incluída no currículo de formação dos professores para que tenham habilidades, conhecimento e atitude para a resistência ao currículo heteronormativo.</p> <p>Os cursos de graduação pouco contemplam este assunto por diversos aspectos, sendo um deles a autonomia das instituições, fato que propicia a inclusão e ausência dessa temática nos currículos. Outro ponto é a estrutura mais fixa e tradicional dos cursos de formação superior, fato que dificulta a mudança nos currículos.</p>
Cicco; Vargas (2012)	Compreender como o tema das IST é abordado nos livros didáticos de biologia do ensino médio.	Estudo Bibliográfico.	Não se aplica.	Os professores acabam assumindo a temática como conteúdo programático reduzindo aos aspectos puramente biológicos e associados à reprodução ou ao discurso da sua vivência, situação decorrente da formação inicial que

⁴ Aqui, utilizamos “majoritário” em referência ao conceito de maioria, presente nas discussões sobre maioria e minoria, em Deleuze e Guattari (2011).

⁵ Neste artigo o termo educação em saúde é compreendido como os processos de ensino e de aprendizagem proporcionados por profissionais, da área da saúde e da educação, no percurso de vida dos indivíduos para que haja promoção, reabilitação e prevenção em saúde, no cuidado e valorização da vida.



				<p>não contempla essas especificidades da temática.</p> <p>O estudo propõe que os professores realizem formação sobre a área e o planejamento didático inclua estratégias complementares que visam correlacionar o conhecimento científico escolar às problemática sociais contemporâneas.</p>
Freitas; Moura (2013)	Verificar de que maneira a sexualidade é abordada no espaço escolar, identificando possíveis dificultadores inseridos nesta proposta.	Estudo Qualitativo.	Sete professores do ensino médio.	<p>A falta de capacitação dos professores nesta abordagem foi citada, além da formação inicial não propiciar uma capacitação para debater a sexualidade com os futuros alunos. Esta formação leva a tratar o tema de modo restrito e com explicações biológicas e mecânicas das características anatômicas e fisiológicas da reprodução – fato que deixa de lado a amplitude desta temática.</p> <p>Além da mudança nos currículos escolares, há que se repensar na formação docente, refletir e problematizar essa temática, também reconhecer o despreparo dos profissionais.</p>
Aragão <i>et al.</i> (2020)	Identificar e analisar as dificuldades dos professores na abordagem da educação sexual.	Estudo Misto.	53 professores do ensino médio.	O estudo evidencia dificuldades na formação inicial dos docentes, bem como a sensibilidade, em relação à temática a ser abordada pelos alunos.
Chaveiro <i>et al.</i> (2015)	Identificar conteúdos referentes à temática sexualidade nas redes municipal e estadual de ensino e identificar as dificuldades e necessidades dos professores na abordagem da temática.	Estudo Transversal.	79 professores das instituições de ensino.	O ensino sobre a temática da sexualidade e demais aspectos, tal como HIV, é fragmentado ou não ocorre devido a lacunas na formação durante a graduação. Enfatiza-se a necessidade de romper com os discursos hegemônicos de que apenas as disciplinas ciências e biologia trabalhem a dimensão da sexualidade com os alunos.
Vieira (2018)	Investigar nas concepções dos estudantes sobre a “Educação em Saúde” na escola e a inserção dessa temática no currículo do curso de ciências biológicas de uma universidade pública brasileira.	Estudo Qualitativo.	49 estudantes de graduação do curso de ciências biológicas na modalidade licenciatura.	O estudo evidencia uma lacuna entre a abordagem de ensino relacionando as áreas da educação e saúde. O ensino se baseia em uma formação docente justamente da disciplina curricular, enfatizando a fragmentação em proporcionar subsídios pedagógicos e metodológicos que preparem licenciandos para o educar em saúde, além de proporcionar um ensino da temática em que apresenta e contextualiza a realidade dos alunos de educação básica.

Fonte: Os autores (2022).

Os estudos demonstram que há um descompasso na formação de professores relativa à temática do HIV/aids e à abordagem geral da sexualidade, fato que promove uma lacuna entre o ato de preparar o futuro docente e atender às necessidades de abordar esse tema e dos alunos na atualidade. Ao contrapor o lapso de não abordar o assunto na graduação, algumas instituições o introduzem, mas acabam restringindo à abordagem biológica associada exclusivamente à reprodução, culminando na falta da sensibilidade do docente para abordar a temática da sexualidade na sua amplitude (ALTMANN, 2013; ARAGÃO *et al.*, 2020; CICCIO; VARGAS, 2012; CHAVEIRO *et al.*, 2015; FREITAS; MOURA, 2013; NASCIMENTO, 2020; VIEIRA, 2018).

A lacuna existente, fruto do modo operante construído e calcado nesses ambientes educativos, das instituições em não abordarem essa temática ou por trabalharem de maneira específica, provavelmente está vinculada à cultura vigente, maior e dominante, aos valores morais cristãos e heterossexistas da sociedade a qual está inserida. Estes fatores interferem diretamente na composição e na organização dos currículos do ensino superior, reverberando também no ensino básico.

Percebemos a importância de que seja abordada a temática do HIV/aids, em específico, e da sexualidade em sua amplitude sociocultural, antropológica, pedagógica, psicológica, artística e histórica, de maneira transdisciplinar, não se limitando às perspectivas biomédicas. Assim, se faz necessário que esse tema percorra a formação dos futuros professores do ensino básico durante a graduação para que haja uma atuação do docente com conhecimento, habilidades e atitudes nesta área de atuação; em relação aos docentes que trabalham em suas áreas, pois necessitam de capacitações nesta abordagem para que possam atuar no ensino desta temática com segurança e confiança (ALTMANN, 2013; VIEIRA, 2018).

Quanto à formação do docente durante a graduação, percebemos existirem lacunas decorrentes do ensino e da aprendizagem vividos pelos alunos, processos os quais podem ser conduzidos com fragmentações e com um cunho centrado em um único e limitado aspecto da temática abordada – geralmente a biomédica, no caso de HIV/aids –; ignorando a complexidade do tema na educação e na formação dos estudantes, que serão futuros professores. Sobre estas questões, Vieira (2018) enfatiza que há um enfoque na formação do futuro professor de ciências, e este objetivo fica centrado no instituto apenas das disciplinas do currículo e fragmenta o processo da formação. Com este ponto de vista, reconhecemos as fragilidades e ausências no que se diz respeito a uma formação científica e contato com diferentes conceitos nos programas atuais de formação de professores. Isto porque a universidade é mais do que um lugar de aquisição de técnicas e de conhecimentos, e a formação de professores apresenta-se como um momento-chave da socialização e da configuração profissional desse indivíduo (NÓVOA, 1992).

Os processos de ensino e de aprendizagem na graduação para os futuros professores na área da ciências sobre o conteúdo de HIV/aids são evidenciados em diferentes perspectivas na literatura, mas há uma conformidade unânime sobre a lacuna existente na abordagem deste conteúdo. Ressalta-se a necessidade de formação na temática HIV/aids na graduação para que haja embasamento do tema para ser abordado nas aulas de ciências (ARAGÃO *et al.*, 2020; CICCIO; VARGAS, 2012); na medida em que percebe-se possível despreparo, as dificuldades de ensinar e abordar este tópico, bem como o descompasso na formação dos professores conforme as exigências vigentes (FREITAS; MOURA, 2013; NASCIMENTO, 2020); o foco em ensinar a abordagem biológica (FREITAS; MOURA, 2013). Por mais que haja diferentes fragmentos nesta abordagem de ensino, ressalta-se que a formação inicial pode estimular o

desenvolvimento profissional dos professores, no quadro de uma autonomia contextualizada da profissão docente que possa encarar, diariamente, os desafios que se apresentam no cotidiano escolar. Importa valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação das políticas educativas (NÓVOA, 1992).

Ainda em uma perspectiva restritiva do processo de ensino, o ambiente da educação superior investe em uma abordagem heteronormativa no processo de ensino, uma vez que mantém a formação tradicional neste ambiente (ALTMANN, 2013). Na perspectiva de mudança, além das restrições nos currículos escolares, também, denota-se lacunas aos profissionais para trabalhar esta temática (FREITAS; MOURA, 2013). Como um caminho para auxiliar nesta situação, temos a possibilidade de diálogo entre os professores, o qual é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional (NÓVOA, 1992).

A formação de professores pode desempenhar um papel importante na atuação do profissional, logo é preciso trabalhar no sentido da diversificação dos modelos e das práticas de formação, instituindo novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico (NÓVOA, 2009). A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico, e por uma reflexão crítica sobre a sua utilização e atuação. Segundo António Nóvoa (1992), a formação de professores deve ser concebida como um dos componentes da mudança, em conexão estreita com outros setores e áreas de intervenção. A formação não se faz antes da mudança, faz-se durante, produz-se nesse esforço de inovação e de procura dos melhores percursos para a transformação da escola.

Nóvoa (2009) descreve que é importante ter domínio sobre aquilo que se ensina. Assim, pensamos acerca dos reflexos da educação em HIV/aids aos alunos, uma vez que há um lapso composto de silenciamentos, permeado de tabus e limitando as discussões, quando presentes, a questões morais e biomédicas, na formação dos professores e conforme a abordagem deste – ou a sua ausência – poderá influenciar na aquisição de saberes úteis para a vida dos professores e dos estudantes. Com esta perspectiva podemos citar, por exemplo, a reação da sociedade quando ocorreu a descoberta da aids, no começo da década de 1980, período no qual estigmas e declarações preconceituosas eram cometidas devido a falta de conhecimento e domínio do assunto, associadas à marginalidade que determinados grupos ocupavam sócio-culturalmente. Muitos destes estigmas continuam fortemente presentes até os anos 2020. Por mais que haja diversas formas de ter contato com conhecimentos científicos, vivemos em uma sociedade em que *fakenews* e um diálogo deslocado dos conhecimentos acadêmicos nas sala de aula podem culminar em ações possivelmente negativas na sociedade. A invisibilidade e ausência de debates em HIV/aids ou a limitação deste aos discursos biomédicos em espaços de formação de professores também gera prejuízos sociais, uma vez que mantém o tema como tabu, perdurando as ignorâncias, estigmas e preconceitos em torno da temática.

Regina de Carvalho, em meados da década de 1990, no ápice da pandemia de HIV/aids, já refletia na importância e complexidade de levar estas discussões para a escola: “Discutir sexualidade e AIDS na Escola é discutir o papel desta instituição em sua concepção pedagógica, é discutir de que forma ela deve relacionar-se com o mundo, com o outro e com a comunidade” (CARVALHO, 1998, p. 247). Percebemos que estas reflexões continuam atuais, visto que falar de HIV e de aids na escola perpassa territórios do corpo, da sexualidade, da saúde, dos valores éticos, morais, religiosos e da própria concepção de educação. Para tal tarefa, em muitos momentos, é preciso confrontar os valores vigentes, os currículos e as formas de educar as quais

Ao refletir acerca destas questões, retornamos à pergunta que intitula este trabalho: Há espaço para pensar, falar, compreender e mobilizar as questões relacionadas ao HIV e à aids na formação inicial docente brasileira? Talvez, o espaço não esteja dado, mas necessite ser construído a muitas mãos, destrinchando as demandas, buscando contemplar as necessidades contemporâneas de discutir de forma transdisciplinar as questões que atravessam o corpo, a saúde e a sexualidade e que, dentre elas, estão as IST e, em específico, o HIV e a aids. Para tal, se faz necessário o diálogo intersetorial, um diálogo transversal entre professores, licenciandos, profissionais da saúde, pesquisadores acadêmicos, comunidade, pessoas que vivem e convivem com HIV/aids, estudantes do ensino básico e comunidade escolar: um diálogo que atravesse muros escolares, hospitalares e acadêmicos na instauração de espaços comuns, espaços públicos, espaços coletivos.

“Precisamos dos outros para nos tornarmos professores”, afirma Nóvoa (2019, p. 10). Individualmente, não existe educação, nem sequer é possível pensar em formação docente, educação universitária ou escola. É preciso debruçarmos coletivamente nessas complexas questões que demandam de nós reflexões e possíveis respostas que também não são simples e que estão para serem feitas.

[...] a escola tem duas grandes tarefas, a saber: a alfabetização científica e a socialização das crianças e dos adolescentes. As políticas de promoção da diversidade sexual e da equidade de gênero não são políticas para minorias na escola. (...) Existe uma vinculação clara entre o respeito à diferença sexual e de gênero e a qualidade das aprendizagens escolares. Políticas de equidade promovem um ambiente escolar mais sadio para todos e todas, diminuindo preconceitos e situações de baixa autoestima que potencialmente podem afetar qualquer aluno, pois todos nós temos atributos pessoais que podem nos tornar alvo de estigma, gerando tensão social, que diminui as chances de rendimento escolar (SEFFNER, 2011, p. 571).

Ao percebermos as questões ligadas ao HIV e à aids entrelaçadas com as temáticas já tão estigmatizadas, como gênero e sexualidade, permeadas de valores morais conservadores e vigiadas nos muros escolares, refletimos que trazê-las ao debate escolar e educacional é também promover “políticas de equidade”, como disserta Seffner (2011, p. 571). Trabalhar estas questões é combater o estigma, promover espaços de saúde, de potencialização da vida, criando terrenos férteis para uma educação múltipla, transversal e engajada com os atravessamentos contemporâneos.

4 Considerações Finais

Por fim, algumas limitações neste estudo necessitam ser mencionadas. A seleção apenas dos textos classificados como acesso aberto (*open access*) e exclusão dos arquivos de acesso restrito, a restrição do idioma de publicação dos materiais, o período dos estudos e o fato da busca na literatura cinza (*grey literature*) e os textos que não abordassem diretamente o objetivo do manuscrito são variáveis a serem contabilizadas. Também é importante demarcar que o período de coleta de dados possibilitou resultados que mudam ao longo do tempo, considerando o rápido fluxo de publicações e a dinamicidade das plataformas pesquisadas. Neste contexto, é observado que muitos textos acabam informando a abordagem do ensino da temática HIV/aids apenas aos alunos da área da saúde e não ocorrendo um direcionamento aos futuros professores do ensino básico geral. Havendo estas limitações, o aumento de publicações com foco no contexto da formação de professores nesta temática deve ser levado em consideração, fato que



RODGER, Alison; CAMBIANO, Valentina; BRUUN, Tina *et al.* Risk of HIV transmission through condomless sex in serodifferent gay couples with the HIV-positive partner taking suppressive antiretroviral therapy (PARTNER): final results of a multicentre, prospective, observational study. **Lancet**, v. 393, n. 10189, pg. 2428-2438, jun. 2019. DOI: <[http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(19\)30418-0](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(19)30418-0)> Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(19\)30418-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(19)30418-0/fulltext) Acesso em: 31 ago. 2021.

RODGER, Alison; CAMBIANO, Valentina; BRUUN, Tina *et al.* Sexual Activity Without Condoms and Risk of HIV Transmission in Serodifferent Couples When the HIV Positive Partner Is Using Suppressive Antiretroviral Therapy. **JAMA**, v. 316, n. 2, p. 171-178. jul. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1001/jama.2016.5148> Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27404185>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

SALES, Tiago Amaral. **Educações menores em HIV/aids: o que pode a educação em ciências e biologia em cartografias audiovisuais?** 2022. 187 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.468>

SEFFNER, Fernando. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 561-572, ago. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200017> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/smr98Jk4VyMbxxd5GBP5G/abstract/?lang=pt> Acesso em: 10 ago. 2021.

SEFFNER, Fernando; PARKER, Richard. Desperdício da experiência e precarização da vida: momento político contemporâneo da resposta brasileira à aids. **Revista Interface**, Botucatu, v. 20, n. 57, p. 293-304, abr-jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0459> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/MTZ5T7N97xXVjcGX5qxWsPh/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 10 fev. 2022.

SOUSA, Luís Manuel Mota de; MARQUES-VIEIRA, Cristina Maria Alves; SEVERINO, Sandy Silva Pedro; ANTUNES, Ana Vanessa. A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. **Revista Investigação em Enfermagem**, Coimbra, v. 21, n. 2, pg. 17-26, nov. 2017. Disponível em: <http://www.sinaisvitais.pt/images/stories/Rie/RIE21.pdf#page=17> Acesso em: 02 out. 2022.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: O que é e como fazer. **Revista Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, pg. 102-106, mar. 2010. DOI: 10.1590/s1679-45082010rw1134 Disponível em: <https://journal.einstein.br/pt-br/article/revisao-integrativa-o-que-e-e-como-fazer/> Acesso em: 20 jul. 2021.

UNAIDS. **Estatísticas mundiais sobre o HIV**: Folha de dados 2021. Brasília, 2021. Disponível em: https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2021/06/2020_11_19_UNAIDS_FactSheet_PORT_Revisada-Final.pdf Acesso em: 15 ago. 2021.

VIEIRA, Fábio Brandão. **A educação em saúde na formação de professores de biologia:** O caso do curso de licenciatura em ciências biológicas da UFMG. 2018. 111f. Dissertação (Mestrado em Patologia), Faculdade de Medicina e Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

Recebido em abril de 2022.

Aprovado em novembro de 2022.